

dados aparecem no fim do volume em quatro índices distintos. A grande maioria dos contos desta antologia foi recolhida por Altimar de Alencar Pimentel, destacando-se uma narradora extraordinariamente prolífera, Luzia Teresa, já alvo de três volumes da responsabilidade de Pimentel e dedicados exclusivamente a mais de 200 contos do reportório daquela informante.

Altimar Pimentel é igualmente o responsável por *Contos Populares de Brasília*,³ fruto duma iniciativa independente do projecto acima referido, que só denota o dinamismo do processo de recolha, arquivo e divulgação do conto tradicional brasileiro. Também nesta colectânea aparece, adstrita a cada um dos seus 50 contos, uma pequena ficha, com a identificação do informante, data da recolha, escola por ela responsável e localidade da mesma. No final do volume, cada conto tem uma nota esclarecedora, acessível a todos os que se queiram debruçar sobre estas matérias, com a classificação de Aarne e Thompson no que respeita sobretudo aos contos maravilhosos.

O conteúdo de qualquer destes volumes é riquíssimo e mostra bem a vitalidade extraordinária da tradição oral nas citadas regiões do Brasil. E não deixa dúvidas de que o legado português é, no Brasil, particularmente vivo e actuante. Trata-se, em grande parte, de narradores activos, que, no processo de transmissão, não se limitam a reproduzir mas recriam, adaptando um reportório ancestral a mentalidades e comunidades muito próprias. Noto apenas, por contingências de espaço, a personagem tipicamente brasileira de “Camões” (ou “Camonge”), omni-presente nos contos de esperteza incluídos nestes volumes. São, tal como o português falado no Brasil, uma festa — e uma verdadeira mina para quem sobre eles se queira debruçar, quer como etnólogo ou folclorista, quer como filólogo do conto tradicional, em busca de origens e de transformações.

BRINCANDO, BRINCANDO... PÓS-MODERNISMO NOS CONTOS DE FADAS

Isabel Cardigos *

Ninguém melhor do que a própria autora para definir o espírito (confessadamente pós-lacanianiano) que enforma as análises da recente obra ensaística de Cristina Bacchilega¹ sobre várias reescritas feministas de quatro contos de fadas clássicos, que ela apelida de pós-modernas:

The tale of magic's controlling metaphor is the *magic mirror* because it conflates mimesis (reflection), refraction (varying desires), and framing (artifice). My readings of postmodern tales of magic will focus on how they reproduce these mirror images while at the same time they make the mirroring visible to the point of transforming its effects. Each chapter will address a specific narratological aspect of this doubling strategy: narrative frame for “Snow White”, voice in “Little Red Riding Hood”, focalization for “Beauty and the Beast”, and agency in “Bluebeard” (p. 10).

³ Altimar Pimentel, *Contos Populares de Brasília*, Brasília, Thesaurus, 1998, 174 pp.

* Centro de Estudos Ataíde Oliveira. U.C.E.H. Universidade do Algarve. Campus de Gambelas. 8000 Faro. Portugal. <icardigo@ualg.pt>.

¹ Cristina Bacchilega, *Postmodern Fairy Tales: Gender and Narrative Strategies*, Philadelphia, University of Philadelphia Press, 1997, 208 pp., ISBN 0-8122-3392-1.

Pós-moderna é, sem dúvida, a forma como dialogam, no texto de Bacchilega, as várias reescritas por ela analisadas —contos, romances, filmes, séries televisivas...— numa híbrida polifonia de vozes, algumas transgressoras e muitas dissonantes entre si, que se harmonizam numa conversa magistralmente regida pela autora. O efeito é libertador e deslumbrante. A sua análise recai, pois, sobre um punhado de variações (versões?) dos quatro contos que despoletam este *happening* (*Branca de Neve*, *Capuchinho Vermelho*, *A Bela e o Monstro*, *O Barba Azul*), contos bebidos na infância e incorporados “naturalmente” como vícios de linguagem, matéria prima de virtualidades insuspeitas quando recriados por autores como Angela Carter,² Margaret Atwood,³ Donald Barthelm,⁴ Robert Coover,⁵ Ursula Molinaro,⁶ e cineastas como Jane Campion.⁷ É a voz múltipla (feminina?) que, orquestrada por Cristina Bacchilega, sábia e conhecedoramente brinca, monta, desmonta a linearidade dessa outra voz, que reproduz *ad nauseam* histórias “coca-colizadas” pelos *media*. Estamos perante uma verdadeira caixinha de surpresas, com piscadelas de olho bem barthianas às potencialidades do conto de origem, que jazia inerte nas prateleiras do consumo. Sim, porque também a ensaísta não resiste à tentação de recontar as histórias. Assim, o próprio título do capítulo “The Framing of Snow White” — que anuncia, na “moldura” (“framing”), o espelho de *Branca de Neve*— vai brincando também com a polissemia da mesma palavra (de *to frame*, “apanhar”, “tramar”).

Das obras analisadas, todas de língua inglesa, destaco as de Angela Carter, recriadora exuberantemente pós-moderna, destabilizadora por excelência, que, ao redobrar as suas versões de um mesmo conto (o *Capuchinho Vermelho*), desencoraja qualquer tentação de uma leitura unívoca, e cujo reconto das restantes histórias vai pautando, em contraponto, a leitura de outros autores. E a de Jane Campion, no filme *O Piano*, que, depois de ter lido o último capítulo que Cristina Bacchilega dedica a *O Barba Azul*, tenho que voltar a rever. É que me tinham passado ao lado: (i) a brincadeira que associa a tecla (n’*O Piano*) e a chave (n’*O Barba Azul*) denunciadoras (ambas “key” em inglês); (ii) o teatrinho de sombras de *O Barba Azul*, interrompido pelos maoris para salvar a “vítima” tal como, em AT312, o irmão salva a heroína; (iii) o jogo de inversões de Barba Azul: quem mete medo a quem? De quem a curiosidade?

Não duvidamos que, quando a corrente da tradição oral petrifica, por inércia, no automatismo da sua reprodução em série, vale a pena ver jorrar, das imprevisíveis fontes da escrita —literária, fílmica (ou até publicitária, veja-se o artigo de Patricia de Baubeta, neste número da nossa revista)— um novo fluxo / refluxo da tradição, só que, ao invés desta, delirantemente inovador. E isto acontece no espaço laboratorial de Bacchilega, cuja alquimia instaura uma inesperada tradição, elaborada em “versões” mais ou menos sincrónicas, que substituem aquelas que só o tempo, na corrente da oralidade, processa. “Pure magic”.

² *The Bloody Chamber and Other Stories*, Harmondsworth, Penguin, 1981.

³ “Bluebeard’s Egg”, in Jack Zipes, *Don’t bet on the Prince: Contemporary Feminist Fairy Tales in North America*, New York, Methuen, 1986, pp. 161-182.

⁴ *Snow White*, New York, Atheneum, 1967.

⁵ “Briar Rose”, *Conjunctions*, 26 (1996), pp. 87-125.

⁶ *A Full Moon of Women: 29 Word Portraits of Notable Women from Different Times and Places + 1 Void of Course*, New York, Dutton, 1990.

⁷ *The Piano*, 1993.